

Ciência, Comunicação e Política: ideias para pensar a divulgação científica

*Science, Communication and Politics:
ideas for thinking about science communication*

Ana de Medeiros Arnt

[ORCID: 0000-0003-1270-5422](https://orcid.org/0000-0003-1270-5422)

Carolina Frandsen Pereira da Costa

[ORCID: 0000-0001-8009-0517](https://orcid.org/0000-0001-8009-0517)

Eduardo Akio Sato

[ORCID:0000-0002-5268-792X](https://orcid.org/0000-0002-5268-792X)

Erica Mariosa Moreira Carneiro

[ORCID: 0000-0002-1147-1030](https://orcid.org/0000-0002-1147-1030)

Alu Laurindo Vieira

[ORCID:0009-0005-2372-3724](https://orcid.org/0009-0005-2372-3724)

Maurílio Bonora Junior

[ORCID:0000-0001-6554-7232](https://orcid.org/0000-0001-6554-7232)

Samir de Deus Elian Andrade

[ORCID:0000-0002-5520-003X](https://orcid.org/0000-0002-5520-003X)

Humberto Ribeiro de Souza

[ORCID:0000-0002-3122-706X](https://orcid.org/0000-0002-3122-706X)

Roberto Takata

[ORCID:0000-0002-1322-9651](https://orcid.org/0000-0002-1322-9651)

Luiz Fernando Jardim Bento

[ORCID:0000-0003-4725-0915](https://orcid.org/0000-0003-4725-0915)

Resumo

Neste relato de experiência, apresentamos um breve histórico da primeira e segunda edição do Encontro Brasileiro de Divulgadores de Ciência (EBDC) e como nós organizamos os eventos a partir de pressupostos teórico-práticos da Divulgação Científica (DC). Neste sentido, a estruturação das mesas redondas, convidados e Grupos de Trabalho (GTs), fizeram parte de uma construção, que funciona com uma equipe de trabalho pensando e pesquisando juntos, que busca aprofundar-se em noções conceituais e filosóficas de ciência e acesso ao conhecimento, como parte de necessidades básicas da sociedade e direito humano.

Palavras-chave: Encontro Brasileiro de Divulgadores de Ciência. Divulgação Científica. Conhecimento Científico.

Abstract

In this experience report, we present a brief history of the first and second editions of the Brazilian Meeting of Science Communicators (EBDC) and how we organized the events based on the theoretical and practical assumptions of Science Communication (CD). In this sense, the structuring of the round tables, guests and Working Groups (WGs) were part of a construction that works with a work team thinking and researching together, which seeks to deepen conceptual and philosophical notions of science and access to knowledge, as part of society's basic needs and human rights.

Keywords: Brazilian Meeting of Science Communicators (EBDC). Science Communication. Science Knowledge.

1. Introdução

Eventualmente há quem pense que existem temas controversos no campo da divulgação científica. Pode ser o caso quando juntamos ciência e política à comunicação. No entanto, quando retomamos nossa vida ao longo destes últimos anos, em que o negacionismo e a desinformação passaram a fazer parte das nossas vidas tão cotidianamente, talvez fosse importante demarcar o quanto é, não só necessário, mas fundamental que questões sociais e políticas façam parte das pautas e estudos da Divulgação Científica (DC).

Ao longo dos anos, conforme nossa atuação na Divulgação Científica possibilitou que nos reuníssemos para organizar o Encontro Brasileiro de Divulgadores de Ciência (EBDC), foi se tornando parte da nossa compreensão que, assim como o fazer científico não é neutro, o ato de divulgar ciência não está apartado de questões sociais e políticas.

Com este relato de experiência, nós gostaríamos de apresentar como pensamos e organizamos o II EBDC, ocorrido em setembro de 2023, a partir do tema central *Ciência, Comunicação e Política: motores de mudança na sociedade*. Além disso, apresentar de que modo o próprio conceito de Divulgação Científica, que temos elaborado e estudado ao longo de nossos estudos e práticas, foi parte da construção deste evento, como parte da formação e planejamento de uma DC que se pretende - e busca ser - coletiva e socialmente responsável.

2. Um breve histórico

O I EBDC foi realizado nos dias 27 e 28 de agosto de 2022 e foi resultante de um movimento de retomada do presencial, após um período de intenso trabalho on-line imposto pelas recomendações de isolamento social devido a pandemia de covid-19. Na primeira edição do evento, tivemos a proposta de elaborar uma programação que possibilitasse pensar a profissionalização da DC dentro e fora do meio acadêmico, em espaços virtuais e presenciais.

Tendo em vista esta abordagem, no I EBDC organizamos um evento que, para além do encontro presencial, também tivesse um espaço para pensarmos juntos essa trajetória de tornar-se divulgador. Assim, buscamos uma abordagem que misturasse academia, pesquisa e prática na palestra de abertura e mesas redondas. A abertura foi sobre diálogos possíveis entre universidade e divulgadores científicos. Já as mesas redondas tiveram como temáticas: a formação de uma comunidade de divulgadores e as redes sociais; atuação de museus e centros de ciência; a relação entre jornalismo e DC no combate à desinformação e, por fim, a teoria e a prática na divulgação científica.

Entretanto, desde o início dos planejamentos, não tínhamos como intenção um evento que fosse de palestras e ouvintes. Neste sentido, propusemos os Grupos de Trabalho (GTs), com a intenção de proporcionar um espaço interativo e co-participativo. Cada grupo teria um assunto

a ser desenvolvido, a partir de dois mediadores, em três encontros com cerca de 1 hora e 30 minutos. Estes encontros deveriam ter uma metodologia de: apresentação da temática pelos mediadores; debate de ideias e proposições de todos os participantes; síntese e elaboração de um relato; finalizando com apresentação no final do evento, junto aos outros GTs.

Este conjunto de etapas teve como objetivo a elaboração de um documento coletivo, propositivo acerca da profissionalização da divulgação científica, a partir de um espaço de diálogo e escuta. Os temas dos GTs, apresentados a partir de perguntas, foram: “Como buscar financiamento para projetos de divulgação de ciência e profissionalizar a carreira?”; “Como obter espaço na internet para novas iniciativas?”; “Como integrar iniciativas institucionais e independentes?”; “Como tornar o conteúdo da Divulgação Científica mais acessível para pessoas com deficiência?”; e “Como lidar com tópicos polêmicos e desinformação?”.

Por fim, também tivemos sessões de apresentação de pôsteres, com 50 trabalhos aceitos. Podemos dizer, ao menos em parte, que tivemos como resultado a publicação de dois ebooks, o primeiro com os 50 resumos expandidos apresentados e o segundo com artigos das mesas redondas, grupos de trabalho e textos de convidados. Após este primeiro movimento, percebemos que nosso trabalho transbordou ao evento em si. Desde convites para outros eventos até pesquisas acadêmicas a partir do evento (em especial pela transmissão on-line), diversas iniciativas emergiram como parte da repercussão do que acontecera em 2022.

O II EBDC foi organizado pelo Blogs de Ciência da Unicamp e Instituto Principia, com apoio da Fundação Cecierj e do Instituto Mário Schenberg. E desta vez, a partir desta primeira experiência, ousamos fazer uma segunda edição que não fosse maior - em termos de público - mas sim que buscássemos um aprofundamento em temas absolutamente necessários dentro de uma DC com responsabilidade social e entrelaçada à sociedade em que está sendo desenvolvida. Assim, a proposta do II EBDC não era ampliar a audiência, mas ser um encontro com objetivo de promover trocas, experiências e debates com quem estava participando presencialmente. Nessa linha, decidimos por diminuir a quantidade de trabalhos aceitos, para melhor acomodar as pessoas dentro do espaço físico que nos foi disponibilizado.

As Mesas Redondas foram propostas a partir de temas que se vinculassem ao mote central do II EBDC: *Ciência, Comunicação e Política: motores de mudança da sociedade*. Nesse sentido, desde o final de 2022 e início de 2023, quando iniciamos a organização das ementas, buscamos representantes que atuassem no campo da comunicação de ciência a partir de princípios claros de responsabilidade social, ética e uma ciência engajada socialmente. Importante ressaltar que, mesmo sendo um evento acadêmico, sempre privilegiamos a diversidade dos convidados para as mesas, sendo eles de diferentes áreas de atuação que se complementem e dialoguem com o tema das mesas.

Longe de restringir a DC a problemáticas sociais, nossa busca teve sempre em mente duas questões norteadoras: “qual ciência defendemos?” e “com quais públicos queremos dialogar?”. Assim, em Março de 2023, nosso evento já possuía uma estrutura consolidada e com a maioria dos aceites de convidados.

A formulação do evento em 2022 tinha como principal objetivo encontrar pessoas e provocar diálogos sobre a profissionalização da Divulgação Científica e de Divulgadores de Ciência. Em 2023 mantivemos isso como nosso principal foco, com a estrutura elaborada a partir de uma palestra de abertura e uma de encerramento, quatro mesas redondas, cinco grupos de trabalho e duas sessões de pôsteres.

Pelo segundo ano consecutivo, nosso evento demonstrou ser um evento cujo objetivo central é promover um encontro de pessoas para debater suas atuações e questões profissionais dentro deste grande tema e campo que é a divulgação científica - dentro e fora de instituições. Nesse sentido, consideramos que o EBDC atingiu nova e plenamente seu objetivo. Com um público composto desde estudantes de Ensino Médio a profissionais de longa data, as temáticas promoveram debates amplos e aprofundados, além de possibilitar parcerias e colaborações.

A realização de debates voltados a uma ação engajada socialmente também foi uma marca intencional e que foi percebida por quem estava presente. Os convites deste ano seguiram a proposta já estabelecida na primeira edição: os trabalhos desenvolvidos e o impacto social das ações são relevantes e precisam ser conhecidos por quem atua na DC.

Todos os convidados já estavam cientes previamente da ementa e da proposta da mesa que participariam, e que seriam desenvolvidas sem o auxílio de recursos multimídia (slides) durante a fala. Esta proposta tinha dois objetivos: uma maior interação entre as pessoas da mesa e, também, uma maior qualidade da transmissão on-line, com foco nas pessoas. Embora tenha sido recebida com alguma resistência, posteriormente foi perceptível o quanto esta dinâmica modifica bastante a comunicação entre os presentes. Os palestrantes não vieram com falas engessadas, o que torna mesas redondas em congressos científicos um conjunto de mini palestras. Como as apresentações não estavam previamente montadas para serem apresentadas em slides, percebemos que os convidados combinaram suas ideias aos dos outros participantes da mesa, transformando em um verdadeiro diálogo produtivo e pouco visto ao tema proposto.

Mas talvez seja o momento de sairmos desse breve histórico e nos aprofundarmos um pouco mais sobre o que nos move e moveu a realizar um evento de DC, com uma temática tão cheia de meandros e controvérsias pelo caminho.

3. Sobre a Divulgação Científica que nos guia

Sabemos que não há consenso no conceito de DC. Nem mesmo sobre a terminologia “Divulgação Científica”, que é a prevalente em língua portuguesa dentre as variações (sobre terminologia, ver Fetter, 2022). A história deste campo de atuação, em nosso país, é parte integrante da própria prática científica, com a construção de museus e exposições nacionais, ainda no século XIX. A produção de materiais impressos — como jornais e revistas, junto ao rádio, televisão, até chegar à internet — foi um longo caminho, com diferentes abordagens, condições de financiamento e propostas para a popularização da ciência. Neste sentido, já apontamos que não temos qualquer pretensão de apontar um conceito que se sobressaia a outros, de tantos autores, pesquisadores e divulgadores científicos ao longo da história.

Neste momento, temos utilizado como conceito de divulgação científica

inserir a ciência em domínio público, a partir de uma nova produção, a partir do conhecimento científico, que permita à sociedade se interessar, compreender e dialogar sobre a ciência. Por meio de recursos e suportes que saem do ambiente acadêmico e atingem a sociedade como um todo, o divulgador científico deve incluir em seu planejamento não apenas materiais que falem sobre resultados de pesquisas, mas conceitos, etapas e problemas da ciência, contribuindo assim para que o público possa utilizar esse conhecimento científico para suas tomadas de decisão (Carneiro, Sosa, Arnt, 2023).

Levando-se em conta este conceito, talvez seja possível compreender o quanto não é possível pensar em uma DC que seja realizada a partir de indivíduos isolados. Primeiramente, é relevante apontar sobre como a DC não é uma atividade que possui uma formação específica, mas que, claro, demanda formação complementar em diversas áreas para um exercício com mais qualidade do trabalho. Com o advento da internet e, em especial, durante a pior fase da pandemia, a DC foi tomada como um campo em crescimento, com uma brava e corajosa missão de afastar o obscurantismo e negacionismo do nosso dia a dia.

Passado esse momento da nossa história recente, é perceptível o quanto não se pode transformar ações de comunicação com um público não especializado em um voluntariado permanente, que centra esforços em redes sociais, com perfis regidos por um profissional esgotado que estuda, grava e edita vídeos, faz roteiros e — em geral — ainda pesquisa e está em cursos de pós-graduação espalhados pelo país. Tampouco a rigidez dos espaços institucionais tem dado condições para um financiamento adequado, com formação robusta e crescimento do campo dentro do escopo tanto teórico, quanto prático. Há espaços como museus e centros de ciência que possuem décadas de produção de conhecimento sobre este campo, todavia, como sabemos, também com um financiamento muito aquém do que o necessário em nosso país e que, até a pandemia de covid-19, tinha reduzido diálogo com as redes sociais

Esse cenário, situado com bastante brevidade, torna perceptível a problemática de como a DC precisa de mais do que pessoas que, sozinhas, pretendem dar conta de todas as explicações da “mundo, universo e tudo o mais”. E que se considerem como “heróis” e “heroínas” contra os males do mundo.

Ao longo de nossa jornada, enquanto grupo que faz e pesquisa DC, fomos percebendo o quanto esta atividade que escolhemos para nós se trata de uma miríade de conhecimentos, e que, para efetivamente “darmos conta”, seria necessário encarar um espaço formativo — e, por que não, trabalhar para construir este espaço.

Se no I EBDC pensávamos na profissionalização do divulgador científico, ao elaborarmos as mesas redondas e todas as relações entre as mesas e as ementas de cada uma delas, trazendo profissionais que criassem espaço para pensarmos nossa atuação em diferentes formatos e a partir de diferentes experiências, no II EBDC adicionamos o incômodo interno de que a profissionalização deste campo deveria pensar sobre si mesma e, também, sobre que bases queremos nos assentar.

3.1. Que ciência é essa que queremos divulgar?

A divulgação científica que temos proposto — e foi uma linha que nos conduziu a estruturar o II EBDC — é a que se pergunta sobre a ciência a ser divulgada. Enquanto nossa equipe — a que assina este documento em co-autoria — analisava os resultados do primeiro evento, discutíamos também para que direção gostaríamos de ir, quem queríamos ser dentro desse projeto de evento que tinha o encontro como cerne.

Segato (2021) aponta que antes de falar de objetividade, dentro de um trabalho científico, é preciso estabelecer nossa vertente teórica. Para a autora, só existe objetividade a partir do momento em que estabelecemos nossos vínculos teóricos, admitimos nossa perspectiva e a assumimos. Desde esse momento, também conseguimos elaborar nossos critérios, desenvolver nossas justificativas e deixar claro — para nós mesmos, inclusive — nossas premissas. A objetividade vem, neste sentido, de assumir de maneira tácita nosso trabalho. Isto é, qualquer ação científica, antes de se possibilitar objetiva, parte de posições políticas. Essa maneira de pensar a pesquisa nos possibilita pensar as articulações entre ciência, comunicação e política dentro deste lugar de entender sobre a ciência que queremos falar.

Há muito tempo se discute sobre o quanto não podemos tomar a DC a partir de um modelo de déficit. Todavia discutimos pouco sobre qual ciência queremos divulgar, dentro do escopo de que somos um país do Sul Global, que ainda carrega os traços de colonização históricos, com uma sociedade extremamente desigual. A DC não pode se limitar a uma mera transmissão da ciência de forma “descomplicada”, sem se preocupar com as consequências tanto positivas quanto negativas da produção do conhecimento científico. A DC pode — e deve — ser crítica e provocar a criticidade de todos os envolvidos no debate.

Quando apontamos que a DC que fazemos busca inserir a ciência em domínio público é apontar que a produção de conhecimento não pode se manter enclausurada dentro dos espaços acadêmicos. Porém, é mais do que isso. Gostaríamos de parafrasear Gilberto Gil, em uma histórica fala sobre Cultura, em 2007, quando ele foi nomeado Ministro da Cultura no Brasil

Precisamos acabar com a ideia de que a cultura é algo extraordinário. A cultura é comum, a cultura é como feijão e arroz, é uma necessidade básica. Ela precisa estar na mesa. Ela precisa estar na alimentação básica de todos. Por isso, é preciso haver uma grande conscientização, porque há muitas pessoas, inclusive funcionários do governo, que acham que a cultura é algo excepcional.” (Gilberto Gil, 2007)

Esta fala de Gilberto Gil tem sua potência ao apontar cultura como necessidade básica, como parte do cotidiano mais mundano. Para que o conhecimento, e a produção de conhecimentos, sejam ordinários, nossa postura deve ser a de compreender que acesso ao conhecimento científico — e acesso às condições de produção de conhecimentos válidos e legítimos — é direito humano, é necessidade básica, *como feijão com arroz*.

Ao iniciar nosso planejamento do II EBDC, ainda no final de 2022, começamos a desenhar a partir desta pergunta: “que ciência queremos divulgar?”. Torna-se relevante apontar, neste momento, o quanto a construção do evento se deu como um espaço formativo do campo da comunicação pública da ciência e para os divulgadores de ciência. Isto é, conforme o conceito de DC ia sendo debatido, reformulado e pensado em nossas reuniões, também a ideia de uma ciência se estabelecia. Uma ciência que é ferramenta para pensarmos e produzirmos conhecimento sobre os fenômenos sociais e naturais, a partir da construção de modelos.

E fomos chegando neste lugar, em que a produção de conhecimento acadêmico que buscamos trazer à tona em nosso fazer cotidiano é aquela que atua, como também diz Segato, pela democracia da diversidade.

4. Desenhando um evento sobre Ciência, Comunicação e Política

Após delimitarmos nossos pressupostos, sobre como a ciência e a divulgação científica se fundamentaram, era chegada a hora de, finalmente, pensar nos temas e nomes para a segunda edição do EBDC. Passaremos agora a descrever, brevemente, nosso intuito em cada mesa do evento.

A mesa O lugar do normativo na comunicação de ciência, teve como ementa para estabelecer a conversa,

A motivação em falar acerca do lugar do normativo, diz respeito exatamente ao combate a uma ciência de determinados padrões e modos de ser, centrados em um universal que foi constituído a partir do modelo eurocentrado, masculino, branco, heterossexual e cis-gênero. Mais do que debater identidades dissidentes e/ou não normativas e sua inserção no espaço da ciência, essa mesa buscou debater como se vem fazendo ciência — válida, robusta, relevante — que tensiona a normatividade por sua existência em si.

Na segunda mesa, *Comunicação em Meio Ambiente e Emergência Climática*, buscamos estabelecer o diálogo com a seguinte ementa:

As mudanças climáticas vêm sendo um dos temas debatidos por diversos campos de conhecimento científico. É palco de disputas entre negacionistas e cientistas. Como atuar na divulgação científica, levando em conta diferentes áreas e, simultaneamente, enfrentando o negacionismo?

Inegavelmente a crise climática não é um tema passageiro. Inclusive a mesa foi apresentada durante as enchentes que ocorreram no Rio Grande do Sul em 2023, que atingiram mais de 200 mil pessoas. Tragédia que só foi ultrapassada pelas enchentes de 2024, no ano seguinte do evento. A mesa foi composta para apresentar diferentes níveis de complexidade do problema. Desde o debate dentro de comunidades urbanas, rurais, quilombolas, indígenas, passando pelos debates nas grandes cúpulas mundiais, chegando ao negacionismo climático, a comunicação faz parte de uma estratégia chave para que a discussão consiga tratar do conhecimento de múltiplas áreas e espaços de produção. Inclusive, encarar nossa imensa dificuldade em abordar um tema como este, em um mundo que aguarda respostas rápidas e soluções imediatas.

Já a mesa *Divulgação Científica e Políticas Públicas em Saúde* teve como ementa para início de conversa:

Após passarmos pelos momentos mais difíceis da crise sanitária contemporânea, hoje podemos fazer um balanço geral do que vivenciamos e como atuamos frente à covid-19 e outras questões de saúde no campo da divulgação científica. Como pensar os próximos passos daqui para frente?

Esta mesa tem um profundo significado, dentro da perspectiva de que estávamos saindo da fase mais aguda da crise sanitária de covid-19, enquanto anunciávamos a Mpox como possível emergência de saúde. Enquanto isso, tentávamos analisar nosso trabalho incessante nos últimos anos e compreender de que forma nossas ações de comunicação em saúde se modificaram e ainda precisam ser repensadas em suas estratégias. A articulação com as políticas públicas, em defesa do Sistema Único de Saúde, mas também da compreensão do quanto de ciência existe na implementação de uma saúde para todos, e a relevância disto para a comunicação e para a população, foram parte do debate.

Por fim, a mesa *Divulgação científica, o furar bolhas e a desinformação*, que teve como ementa:

A desinformação não é questão recente para a comunicação. Mas nos últimos anos tem ganhado espaço e financiamento, com estratégias que tornam difícil seu combate dentro do espaço democrático. Como podemos seguir atuando e que estratégias usar para combater a desinformação?

A desinformação vem sendo um dos problemas contemporâneos mais difíceis de se lidar. Aprendemos enquanto vamos sendo atravessados por inúmeras questões. Esta mesa

trouxe estratégias de comunicação e educação, até provocações mostrando como todos nós — absolutamente todos — somos suscetíveis à desinformação. Essa compreensão é fundamental para que o combate não ocorra dentro de uma lógica de superioridade moral, de acesso a conhecimento e condição de análise. Estarmos cientes de que todos nós possuímos nossos pontos fracos e temos nossos vieses que dificultam nossa análise, é uma das condições de combate à desinformação.

Após um evento focado na divulgação científica de impacto social e político, a nossa equipe novamente debruçou-se sobre a discussão interna a respeito de um tema muito relevante para a prática do nosso campo de estudo. Como tratar de temas científicos que muitas vezes são pesados e complexos de forma mais leve, que se insiram na cultura em um formato mais dialógico e rico em experiências? Que agreguem a cultura local, diversa e rica em cores, texturas e sons? Sim, a arte é uma grande aliada da ciência e a ciência também é uma grande aliada da arte, ao longo da história. Nosso desafio para o III EBDC que será realizado em novembro de 2024 cresceu ainda mais e, para isso, convidamos um time de artistas e cientistas para dialogar sobre a relação destas relevantes áreas do conhecimento. A história completa deste evento fica para um próximo momento, que esperamos ser em breve.

5. Agradecimentos

Esse trabalho realizado no EBDC, e uma articulação importante na DC durante a pandemia, só foi possível a partir de encontros virtuais mensais, nomeados Destilando, durante os anos de 2020 e 2021. Os encontros eram agendados na falecida rede social Twitter, pelo perfil ScienceBlogs Brasil, organizados pela Claudia Chow, a quem somos eternamente grates por nos proporcionar um espaço de acolhimento e desabafos pandêmicos e científicos.

Agradecemos também o financiamento para a realização do II EBDC, do International Centre Theoretical Physics - South American Institute for Fundamental Research (ICTP-SAIFR); do Instituto Todos pela Saúde (ITpS) e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unicamp (PROEC/Unicamp).

Referências

Carneiro EMM, Sosa MCR, Arnt A de M. A Ciência e os Conhecimentos da 'Cidade Invisível'. Educ Real [Internet]. 2023;48:e124635. Available from: <https://doi.org/10.1590/2175-6236124635vs01>

Fetter GL. VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA NAS PESQUISAS SOBRE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: ANÁLISE DOS TERMOS EMPREGADOS POR PROFESSORES-PESQUISADORES DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS. Trab linguist apl [Internet]. 2022Jan;61(1):46–59. Available from: <https://doi.org/10.1590/01031813v61n120228667394>

GIL, Gilberto. Gil Ministro da Cultura em Paraty. Gilberto Gil, Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qeb2L3oZpzc>. Acesso em 01 de outubro de 2024.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Tradução: Danielli Jatobá e Danú Gontijo. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 346pp.

Sobre os autores

Ana de Medeiros Arnt

Livre Docente em Ensino e Divulgação de Ciência, Instituto de Biologia da Unicamp.
Blogs de Ciência da Unicamp

e-mail: anaarnt@unicamp.br

Carolina Frandsen Pereira da Costa

Doutora em Biologia Tecidual - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
A.C.Camargo Cancer Center

Eduardo Akio Sato

Doutorando em Ensino de Ciências e Matemática (PECIM/Unicamp),
Coordenador de Divulgação Científica (Instituto Principia)